

LINHAS DE ESPIRITUALIDADE MISSIONÁRIA NO INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

Não dispomos de estudos científicos sobre este assunto. Temos os textos oficiais do Instituto: Constituições, Regulamentos, Actas dos Capítulos, Circulares das Superiores Gerais. Em todos eles é evidente que ***a dimensão missionária é um elemento essencial da identidade do Instituto*** (cf. C art. 75).

Além das fontes oficiais, temos um rico património de experiências, histórias, testemunhos, biografias de missionárias, cartas,¹ diários de viagem, narrativas, artigos para Revistas missionárias, para o *Noticiário do Instituto e para o Boletim Salesiano*. É, pois, necessário recorrer à *experiência* como caminho metodológico. Esta “via”, de carácter sapiencial, permite-nos um conhecimento da espiritualidade, não através do modo especulativo, mas por meio do realismo da vivência. Dela apreendemos um estilo, um modo de ser e de agir, de comunicar, de sonhar a missão e de a realizar.

Podemos dizer que os rostos da espiritualidade missionária das FMA são tantos, quantas as pessoas que a vivem e a incarnam, no entanto, é possível colher das fontes algumas linhas fundamentais.

Para este encontro interroguei-me, antes de mais, sobre quais serão as fontes carismáticas da espiritualidade missionária do Instituto, e pergunto-me se podemos dizer que a espiritualidade da FMA é uma espiritualidade missionária, ou se é somente de algumas FMA, isto é, das que são missionárias ad gentes. Que peso têm estas últimas? Qual a chave interpretativa de um espírito?

1. As fontes da espiritualidade missionária do Instituto

A espiritualidade missionária do Instituto das FMA tem a sua fonte no ***Coração de Cristo***, apóstolo do Pai, e no coração missionário de don Bosco e de Maria Mazzarello.

Jesus incarna plenamente a paixão salvífica do Pai por todos os seus filhos e filhas. Vemo-lo quando constata que são como ovelhas sem pastor, como filhos a reunir porque estão dispersos, confusos, sem pontos de referência. São pessoas que precisam do alimento do corpo e do espírito, necessitadas do pão da vida eterna, da água que lhes mate a sede para sempre, da vida em abundância.

A paixão missionária de Jesus leva-o, portanto, a ir ao encontro das necessidades de cada pessoa, especialmente dos mais pequenos, dos pobres e dos pecadores. Faz-lhes sentir o seu amor, a sua compaixão, a sua misericórdia que, no dom do Espírito Santo, transforma e faz novas criaturas². A todos anuncia a alegria e a força transformadora do Evangelho. E, sobre a cruz, a paixão missionária de Jesus realiza-se em plenitude de fecundidade. Do mistério pascal brota a vida em abundância.

¹ Cf ad es. le lettere già pubblicate di madre Angela Vallese, di suor Maria Troncatti, di madre Laura Meozzi. Vi è pure il diario di madre Caterina Daghero nei due anni trascorsi in America.

² Cf SALA Rossano, Spiritualità apostolica, in Attesi dal suo amore. Proposta pastorale 2024-'25, Torino, ElleDiCi 2024, 29-33.

Além disso, a espiritualidade missionária encontra o seu modelo na ***solicitude materna de Maria***, a primeira missionária do Evangelho. Apressadamente e com generosa solidariedade, ela deixa Nazaré para ir servir, consolar, levar Jesus e a sua alegria. É uma espiritualidade baseada na certeza de que Maria é Mãe e Auxiliadora, e que acompanha os seus filhos e filhas, peregrinos, rumo à meta. Faz-se, ela mesma, peregrina de fé e de esperança, ajuda, presença confiante e impulso missionário, como fez com os Apóstolos no Pentecostes, apoiando-os como faz uma mãe com os seus filhos, assustados e desanimados.

Don Bosco e Maria Mazzarello fizeram sua a compaixão de Jesus e a ternura materna de Maria. Com o mesmo amor, responderam, sem fronteiras de cultura ou de território, à pobreza juvenil do seu tempo. São “missionários dos jovens e das jovens”, não são felizes se não os fizerem felizes e se não anunciam Jesus, custe o que custar, exprimindo o amor até ao último respiro.

O coração missionário dos nossos Fundadores fá-los sair de si mesmos para irem ao encontro dos jovens mais pobres e abandonados, arriscando a vida pela sua salvação.

Abordemos agora algumas fontes do nosso Instituto que evidenciam o ***impulso missionário surpreendente de don Bosco***.

Encontramos uma promessa surpreendente na primeira carta que ele dirigiu ao Pe. Cagliero - nos primeiros dias de 1876: «*Lembra-te de que em outubro enviaremos trinta Filhas de Maria Auxiliadora e cerca de dez Salesianos; alguns até antes, se houver urgência*»³.

A intenção de Don Bosco, 25 dias depois da chegada dos primeiros missionários à América, era, portanto, continuar a enviar reforços, enviar mais FMA do que salesianos e, em todo o caso, enviá-los juntos.

Conta-se que o Papa Pio XI disse ao Pe. Filippo Rinaldi: “Não se pode ter uma missão sem Irmãs, aliás, nas missões deve haver mais Irmãs do que missionários”.⁴

Contudo, ainda faltava algum tempo para a tão esperada partida das FMA, porque os preparativos da casa que as acolheria não estavam concluídos. Partiram em novembro de 1877 com a terceira expedição dos Salesianos para o Uruguai, dirigida pelo Pe. Giacomo Costamagna⁵.

É bom lembrar que o Instituto das FMA nasceu no período em que don Bosco amadurecia os seus projetos missionários. O seu primeiro sonho missionário sobre a Patagónia é, de facto, datado de 1872⁶.

O Concílio Vaticano I (1869-1870), que foi o acontecimento mais auspicioso para o desenvolvimento das missões católicas nas últimas décadas do século XIX, tinha terminado havia dois anos. Os bispos da América do Norte, da África e da Ásia tinham aproveitado a circunstância para recrutar clérigos e religiosas para as suas dioceses⁷.

³ Lettera del 13 gennaio 1876, in *Epistolario di don Bosco curato da F. Motto*, vol. V, lettera 2255,5. Don Cagliero era partito per l'America nel novembre 1875.

⁴ *Missioni Don Bosco, ano cem*, Roma, SDB 1975, 14).

⁵ Solo con la quarta spedizione dei Salesiani le FMA giungeranno a Buenos Aires (26-1-1879). Il motivo era dovuto al fatto che la casa per le suore non era ancora pronta.

⁶ Cf Cf LEMOYNE Giovanni Battista – AMADEI Angelo, *Memorie Biografiche di San Giovanni Bosco. Vol. X* (1871-1874), Torino, Società Editrice Internazionale 1939, 53-54; 1267-1268.

⁷ Cf Stella, *Don Bosco I 167-170*; Tragella G.B., *Le missioni estere di Milano sul quadro degli avvenimenti contemporanei*,

O nosso Instituto nasceu, portanto, imbuído de um espírito missionário, um espírito - diria o P. Egídio Viganò - “*não de uma estufa, mas de um universo*”.

Don Bosco, desde os primeiros anos, via o Instituto das FMA aberto aos confins do mundo e reafirmou-o também quando confirmou de próprio punho a reeleição de Madre Mazzarello em 1880 e, anotando a ata, escreveu assim: «*Peço a Deus que infunda em todas o espírito de caridade e de fervor, para que esta nossa humilde Congregação cresça em número, se difunda por outros e mais outros países remotos da terra*»⁸.

Com este espírito vibrava também **Maria Domingas Mazzarello**, como se depreende das suas cartas e da documentação que chegou até nós. A Cronistoria atesta: «*Ardia de zelo pela propagação da fé em terras distantes, onde Deus não era conhecido nem amado: queria que as suas filhas ardessem do mesmo fogo e se preparassem para serem capazes de trabalhar naquela obra*»⁹.

É interessante notar que, por desejo de don Bosco, os Exercícios Espirituais de agosto de 1877 foram pregados tanto em Mornese como em Turim, além de don Giovanni Bonetti, também por mons. Pietro Ceccarelli, pároco de São Nicolau dos Arroyos, que tinha vindo à Itália com mons. Aneyros, e era hóspede em Valdocco¹⁰.

O Instituto, portanto, não se voltou para as missões na sua maturidade, quase como um prolongamento das suas obras - como aconteceu com outros Institutos religiosos e com a própria Congregação Salesiana - mas pode-se dizer que desde o início teve uma marca missionária específica.

Esta marca alimentou a coragem, as escolhas, o estilo de vida, o clima das comunidades e das obras educativas, e concretizou-se, cinco anos depois da fundação, em 1877, na partida de Irmãs jovens para o Uruguai e Argentina.

O objetivo deste contributo é precisamente evidenciar alguns traços da atitude missionária das FMA.

2. A espiritualidade da FMA: uma espiritualidade missionária

Podemos dizer que a espiritualidade das FMA é uma espiritualidade missionária?

Para responder à pergunta, recordemos o lema do próprio Don Bosco: *da mihi animas cetera tolle*, que ele foi beber à paixão missionária de São Francisco de Sales.

A assunção a nível não só teórico, mas experiencial deste ideal programático do Fundador, desencadeia no Instituto das FMA um dinamismo missionário, que se torna estilo de vida, paixão educativa, energia de renovação e inculturação sob o signo do anúncio do Evangelho, fonte de plenitude humana para as pessoas e os povos.

Era convicção comum e arraigada nas origens do Instituto que as FMA se realizariam como religiosas e educadoras salesianas não de forma autorreferencial ou intimista, mas na doação de si para a salvação das almas: «*Uma filha que entre com a intenção de*

Milão 1959, 2 vols.

⁸ *Orme di vita* D 118.

⁹ Cronica II 161.

¹⁰ Cf. *ibid.* 262-263.

*pensar somente na própria alma, não é apta para cumprir os deveres que competem às Filhas de Maria Auxiliadora».*¹¹

É uma constatação recorrente nos Capítulos Gerais do Instituto, nos congressos e nos encontros formativos. No IX Capítulo Geral, por exemplo, comentando o *Regulamento* para as casas de missão elaborado naquela assembleia, o Pe. Pietro Ricaldone reiterou: «*O Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora é um Instituto missionário e, portanto, deve ter espírito missionário*».¹²

O modelo de santidade proposto por Don Bosco aos consagrados/as a Deus para a salvação dos jovens - como se depreende do estudo documentado de Aldo Giraudo - é «um modelo tão radical e austero que nos deixa atônitos: uma obediência sem limites, generosíssima; um estilo de vida essencial, ascético, mas alegre; uma laboriosidade impressionante em função da missão comunitária; uma caridade sem limites; uma relação amorosa e terna, afetuosíssima, unida a uma castidade rigorosamente vigiada e defendida; um exercício contínuo da presença de Deus e do diálogo amoroso com Ele; uma fidelidade absoluta às mais pequenas prescrições das Regras, sobretudo nas práticas de piedade; uma capacidade de adaptação a tudo até ao sacrifício extremo; uma tensão apostólica ardentíssima. Don Bosco não podia pensar nos seus consagrados senão no horizonte do primado absoluto de Deus e na perspetiva evangélica de um desprendimento radical, de uma entrega sem segundas intenções no seguimento de Cristo obediente, pobre e casto para o serviço divino e a salvação das almas».¹³

É evidente que esta espiritualidade é proposta a todas as FMA, mas de modo mais radical é assumida por aquelas que escolhem deixar a própria pátria porque são enviadas para as missões propriamente ditas. Como cristãs e como religiosas, cada uma - onde quer que esteja - sente-se parte viva de uma Igreja missionária e de um Instituto aberto às dimensões do mundo. De facto, a missão não se identifica com uma atividade que algumas FMA realizam, mas é o paradigma da ação educativa de uma Família religiosa chamada a partilhar com os jovens a alegria do encontro com Jesus.

A Vigária Geral, Madre Enrichetta Sorbone, que durante muitos anos foi também coordenadora das missões e das missionárias, recomendava, numa circular de 1928, que todas as FMA cultivassem a “caridade universal” como dimensão característica da espiritualidade do Instituto. Era, portanto, um critério indiscutível de formação para as jovens candidatas:

«A Filha de Maria Auxiliadora, que sente como sua missão ajudar Jesus na sublime obra da redenção humana, já não pode dispor de si mesma nem das suas coisas; mas deve sentir-se como que sob o influxo de uma inspiração perpétua de

¹¹ *Relazione della prima adunanza delle Superiore (Mornese, agosto 1878), in P. CAVAGLIA – A. COSTA (a cura di), Orme di vita, tracce di futuro 239.*

¹² *Capitolo generale IX. Nizza Monferrato 1928, Esortazioni, istruzioni, risposte del Ven. Superiore Don Filippo Rinaldi Rettor Maggiore della Società Salesiana e Delegato Apostolico per l'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice, Torino, Tip. privata FMA 1928, 54.*

¹³ Aldo GIRAUDO, *Introduzione*, in Giovanni BOSCO, *Insegnamenti di vita spirituale. Un'antologia. Introduzione e note a cura di Aldo Giraudo*, Roma, LAS 2013, p. 11.

ser toda para a salvação das almas, qualquer que seja o seu trabalho particular na Casa.

Portanto, não há ocupação, não há sofrimento, não há oração que não lhe sugira o querido refrão: “Senhor, por ti e pelas almas queridas; pelos teus sacerdotes; pelos teus Missionários; pelas santas vocações, por aqueles que sofrem na alma e no corpo, que vivem e que morrem, que te conhecem e te amam, ou não te amam porque não te conhecem”.

As mestras de noviças procurem incutir de todas as formas estes e outros pensamentos e sentimentos de caridade universal; e crescerá o número das santas professoras, anjos de paz nas comunidades e admiráveis apóstolas do bem por toda a parte e sempre».¹⁴

Existe, de facto, nas FMA, embora com intensidades diferentes, uma autoconsciência educativo-evangelizadora que é fator unificador e propulsor de toda a ação que se queira chamar salesiana. A perspectiva missionária não implica, em si mesma, deixar a própria nação, nem depende do tipo de trabalho que a FMA realiza, mas diz respeito a uma atitude fundamental do coração: a consciência de viver para a glória de Deus e a salvação das almas no espírito do *da mihi animas cetera tolle*. Tal atitude preserva das dicotomias entre promoção humana e evangelização, atividade educativa e pastoral, ação e contemplação, e dá unidade e fecundidade ao estilo de vida e de missão.

É verdade, porém, que a missionária que deixa a sua pátria para se inserir numa outra cultura vive mais intensamente certas dimensões da espiritualidade típica do Instituto, acentuando matizes particulares exigidos pela situação em que vive, tais como o espírito de sacrifício, o desapego da própria cultura e dos próprios hábitos, a coragem e o zelo incansáveis, a flexibilidade à mudança.

É interessante notar, porém, que o que se recomenda aos que partem para as missões não é diferente do que se exige de cada salesiano ou FMA. É o que atesta, desde o início, a proposta do Pe. Cagliero no primeiro Capítulo Geral da Congregação Salesiana, em 1877. Ele queria que fosse inserido nas Constituições um artigo sobre os critérios de escolha do pessoal que seria enviado às missões. A proposta foi aceite por don Bosco, embora com algumas modificações. Daí terá resultado a seguinte formulação: *«Para as missões estrangeiras, escolham-se de preferência os que são mais provados na piedade e mais fortes na moralidade»*.¹⁵

Oração e integridade moral, valores fundamentais de toda a vida religiosa, eram precisamente as condições para um trabalho educativo eficaz em todo o lado, e não apenas nas missões.

Além disso, a dimensão missionária do Instituto é alimentada também pela consciência de pertencer a uma Família religiosa aberta às várias nações, sem barreiras de língua e cultura. Esta consciência dá à experiência das FMA um horizonte amplo e

¹⁴ Circolare n. 120 (24 ottobre 1928).

¹⁵ *Verbale del I Capitolo generale*, in ACS 046, pp. 182-183. Il testo proposto da don Cagliero era il seguente: *“Per le missioni estere si scelgano di preferenza i più provetti e più formati nella pietà ed i più forti nella moralità; non si mandino mai i rifiutati da altre case”*; cf. Jesús BORREGO, *Il primo iter missionario nel progetto di Don Bosco e nell’esperienza concreta di don Cagliero (1875-1877)*, in Pietro SCOTTI (a cura di), *Missioni salesiane 1875-1975. Studi in occasione del Centenario*, Roma, LAS 1977, 75-77. In una circolare di don Bosco del 1875 si leggeva: *“Saranno scelti unicamente quelli di cui si possa con fondamento giudicare che tale spedizione sia per riuscire vantaggiosa all’anima propria, e nel tempo stesso tornare alla maggior gloria di Dio”* (Circolare di don Bosco, 5 febbraio 1875, in E [m] 408).

universal. A transferência de pessoal, não só de uma inspetoria para outra, mas também de nação para nação, facilita o intercâmbio, o sentido de pertença e a superação dos nacionalismos. Tem-se a convicção de se sentir amplamente responsável pelo desenvolvimento global do Instituto, pela sua difusão no mundo, até mesmo pela partilha de bens económicos, a satisfação de contribuir para a construção de uma casa em Itália com as indústrias de todas as comunidades do Instituto.¹⁶

Na primeira conferência para as mestras das noviças, realizada em Turim em 1925, o Pe. Filippo Rinaldi, falando da abertura missionária do Instituto a partir da solidariedade recíproca entre as Províncias, disse: «*Dar pessoal para as Missões é um meio para despertar novas vocações. Bendirei o Senhor no dia em que souber que o intercâmbio de pessoal entre uma Província e outra derrubou as barreiras dos Alpes, dos Andes e do Oceano, para formar a unidade do Instituto*». ¹⁷

À semelhança do que escreve Joseph Gevaert para a Congregação Salesiana, também para o Instituto das FMA se pode dizer que a sua espiritualidade é uma espiritualidade missionária: «*Nós representamos um tipo de cristianismo e de trabalho apostólico muito voltado para o anúncio e a difusão do Evangelho no mundo. A nossa espiritualidade vivida não se pode chamar salesiana, se não for antes de tudo uma espiritualidade missionária*». ¹⁸ De tudo quanto procuramos documentar, podemos dizer que a atividade habitual das FMA tem um carácter “missionário” enraizado no carisma que tem em si uma perspectiva universal.

3. Dimensões da espiritualidade missionária da FMA

Não dispomos de uma reflexão sistemática sobre a fisionomia espiritual das FMA com uma perspectiva especificamente missionária. No entanto, com base nas fontes documentais e narrativas disponíveis, podemos identificar valores comuns, escolhas partilhadas, elementos característicos de uma identidade qualificada como educativo-missionária.

De facto, ela constrói-se e elabora-se num tecido de relações com Deus, com os destinatários da missão na comunidade a que pertencem e no desempenho de uma tarefa específica num determinado contexto social.

É uma espiritualidade com traços não intimistas e auto-referenciais, mas expressão concreta do título “Filhas de Maria Auxiliadora”, síntese de uma visão carismática, de um projeto, de uma inspiração: ser “auxílio” ativo e solícito sobretudo dos jovens e das jovens no seu caminho de maturidade humana e cristã.¹⁹

3.1. A centralidade de Jesus Cristo fonte da coragem missionária

O segredo da fecundidade apostólica dos missionários é o facto de se deixarem agarrar por Jesus, construindo tudo sobre Ele, rocha sólida, fonte segura de esperança e

¹⁶ Era il caso della costruzione della Casa di Torino “Madre Mazzarello” per la formazione delle missionarie nel 1924 e della casa di Roma, “Istituto Gesù Nazareno” nel 1926 (cf Circolari di madre Luisa Vaschetti del 9 gennaio 1926 e del 2 febbraio 1927).

¹⁷ *Verballi delle adunanze tenute nel Convegno pro Noviziati delle Figlie di Maria Ausiliatrice. Torino (Borgo S. Paolo) dal 1° al 4 giugno 1925*, Torino, Figlie di Maria Ausiliatrice 1925, p. 52.

¹⁸ Joseph GEVAERT, *Catechetica operativa nelle missioni*, in AA.VV., *Spiritualità missionaria salesiana* II, Roma, SDB – Dicastero per le missioni 1988, 40. Fu un incontro europeo di animazione missionaria svoltosi a Roma nel 1987.

¹⁹ Cf CAVAGLIÀ Piera – DEL CORE Piera (a cura di), *Un progetto di vita per l'educazione della donna*, Roma, LAS 1994; G. LOPARCO, *Lineamenti spirituali delle FMA nella tensione ideale*, in ID., *Le Figlie di Maria Ausiliatrice* 220-230.

de fecundidade. O chamamento do Senhor, do qual não duvidam, enche-os de energia e dá-lhes coragem nas provações.

A sua relação pessoal com Jesus alimenta-se todos os dias na Eucaristia e exprime-se na caridade entrelaçada com gestos concretos. A vida eucarística tem o primado na sua experiência de fé. E esta exprime-se no dom quotidiano de si, por vezes monótono, muitas vezes entrelaçado com sacrifícios e fadigas, talvez com derrotas e frustrações, mas onde os missionários são moldados à disponibilidade, à robustez da vida interior, à gratuidade do amor.

Olhar para o Crucifixo dá-lhes vida e asas para trabalhar: é esta a certeza de fé que sustenta a Irmã Maria Troncatti, por exemplo, e que, no entanto, não a dispensa do sofrimento e da saudade. Daquelas imensas solidões da selva equatorial onde chegara em 1923, escrevia à mãe: «Como desejo abraçá-la e dizer-lhe tantas coisas: cada vez que penso nela, choro, sentindo-a tão longe! [...] Aos pés de Jesus consolo-me; um olhar para o crucifixo que tenho pendurado ao pescoço dá-me vida e asas para trabalhar»²⁰

É de facto o amor a Jesus que dá força e coragem às missionárias, torna-as empreendedoras e sustenta-as na sua fadiga. É interessante notar que, geralmente, as missionárias, percorrem de bom grado todos os dias o caminho da cruz de Jesus (*via crucis*), seguido da meditação e da Eucaristia. Mergulhadas na paixão de Cristo, até os limites, as fragilidades e os fracassos adquirem um significado redentor.

São mulheres de oração que acreditam que Deus e Maria Auxiliadora as acompanham e, por isso, se entregam a eles sem duvidar. A oração é a sua força, não somente aquela exigida pelas práticas de piedade comunitária, mas aquela que se exprime como atenção a uma Presença confiante, “permanecendo no amor”. Uma vida sempre fora de si empobrece e define a alma. Uma vida que sabe “permanecer” no Senhor é rica, fecunda e cheia de alegria. A Irmã Laura Meozzi, pioneira da missão na Polónia, escrevia às Irmãs jovens, dizendo-lhes aquilo que nela era uma alegre convicção: «*Alegrai-vos! Jesus está sempre convosco, aliás, em vós. Ele segue cada movimento vosso, cada batida do vosso coração, que deve bater só por Ele. Amai-o com todo o vosso coração e com toda a vossa alma e sereis felizes sempre e em toda a parte*».²¹

O contacto vital com Jesus quase identifica a missionária com o mistério salvífico de Cristo, como revela a Irmã Maria Troncatti num dos seus escritos: «Com que alegria gostaríamos de regar estas florestas com o nosso sangue, para fazer brotar as flores da verdade cristã»²²

Entre as missionárias temos testemunhos significativos da força de amor de que são capazes, graças à sua conformação com Jesus. A fé e o amor por Ele não as descontextualizam, mas levam-nas a mergulhar na realidade, a transformá-la, a reconhecer o Senhor no rosto dos sofredores. Daí a fecundidade do seu trabalho. A experiência da Irmã Felicina Marazio (1873-1943) é eloquente. É uma FMA de Turim que, quando entrou no Instituto, estava matriculada na Academia de Belas Artes de Turim. Desde postulante apresentou o pedido missionário: o seu sonho era ir trabalhar

²⁰ Lettera alla mamma e ai familiari del 4 settembre 1931 da Macas, in CIEZKOWSKA Sylwia (a cura di), *Lettere di suor Maria Troncatti FMA Missionaria in Ecuador*, Roma, Istituto FMA 2013, 104.

²¹ Lettera a suor Zofia Buczak, Pogrzeben, 21 settembre 1949, in DALCERRI Lina (a cura di), *Ascolta o figlia*.

²² Scritti della Serva di Dio suor Maria Troncatti, in CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM. Mendezzen, *Beatificationis et Canonizationis Servae Dei Mariae Troncatti Sororis Professae Instituti Filiarum Mariae Auxiliatricis (1883-1969). Summarium super dubio*, Roma, Tip. Guerra 1997, 527.

com os leprosos. Partiu em 1913 com Ir. Modesta Ravasso para Contratación (Colômbia), onde a esperavam 150 filhas de leprosos.

Uma Irmã escreve: *«Vi-a várias vezes naquela casa entre as raparigas mais miseráveis e repulsivas; passava os dias entre elas, ensinava catecismo, trabalhos, teatro com ardor como se fossem raparigas educadas e muito saudáveis»*. De uma carta escrita por esta missionária a uma Irmã de Nizza, apreendemos a unidade vocacional que sustentava a doação incansável da Irmã Felicina: *«Estou convencida de que a santidade não está no lazareto, nem no colégio senhorial, mas sim na renúncia incessante de nós mesmas, mesmo nas coisas mais pequenas, na união íntima e ininterrupta com o nosso amado Senhor. Estas pobres órfãs, estas infelizes leprosas são atualmente para mim a Hóstia e o tabernáculo, onde, mais do que adorado, Jesus deseja ser servido e consolado por mim na mais dolorosa enfermidade...»*.²³ *«Para mim, a pessoa visível do meu próximo é apenas um véu que esconde de mim a pessoa amável de Jesus. Levanto esse véu pela fé e olho. Sob os trapos sujos da miséria, vejo o Deus da glória; sob as feridas do corpo, o Deus da força e do poder; e sob a veste do pecado, o Deus da pureza. E prostro-me com a minha alma aos pés dos meus doentes e sirvo neles os membros do corpo adorável de Jesus»*.²⁴

A conformação com Jesus guia as missionárias a acolher a vontade de Deus e a viver abertas às suas surpresas. Muitas delas repetem uma expressão querida às primeiras Irmãs de Mornese e Nizza, documentada em vários perfis biográficos: «O que Deus quer, nunca é demais», ou: «Agrada a Jesus, agrada-me a mim», e vivem abertas ao seu amor, mesmo na hora do sofrimento.

3.2. O desapego de si como caminho de liberdade e de alegria

A missionária, como discípula de Jesus, é chamada a partilhar o destino do Mestre até à cruz. E isto implica desapego, total liberdade de coração, pobreza, abandono da família e renúncia aos afetos mais queridos. Muitas FMA prometeram a Deus permanecer para sempre na terra de missão, sem nunca regressar à própria pátria. Soubemos que alguma tenha feito explicitamente algum voto.

A força do amor sustenta a missionária e dispõe-na à aceitação da cruz nas suas tantas formas: doença, dor física, cansaço, incompreensões, solidão, impossibilidade de comunicação, fracasso, ingratidão.

Para evidenciar o espírito com que as missionárias enfrentam os trabalhos da vida apostólica, cito um trecho de uma carta de uma missionária do Equador, a Ir. Carolina Mioletti (1884-1972), dirigida à Madre Geral. Agradece-lhe por lhe ter enviado um exemplar da biografia da Ir. Maria Troncatti, com quem a Ir. Carolina tinha partilhado o seu trabalho missionário no Equador: *«Li o livro com grande interesse e posso assegurar-lhe que as várias descrições da nossa vida missionária nos primeiros tempos são autênticas. No entanto, gostaria que soubesse que, mesmo no meio das dificuldades e sacrifícios, nenhuma de nós sentia o peso de uma vida de dificuldades e privações; a nossa vida de missionárias parecia-nos tão concreta que tudo nos animava a trabalhar com entusiasmo e amor. [...] Vivíamos cantando a alegria do sacrifício por Deus e pelas almas. As viagens cansativas na floresta, as noites ao ar livre, deitadas sobre folhas de palmeira, eram muito frequentes, mas na nossa*

²³ Michelina SECCO, *Suor Marazio Felicina*, in *Facciamo memoria. Cenni biografici delle FMA defunte nel 1943*, Roma, Istituto FMA 1995, 243-244.

²⁴ *Ivi* 249.

capelinha sentíamo-nos tão felizes que a oração de 'Agimus' fluía espontaneamente. Escrevo-lhe estas recordações, porque quero que saiba, querida Madre, que nas privações e sacrifícios, as suas filhas encontraram sempre aquela alegria serena que nos animava a multiplicar as nossas energias para consolar a Deus e às Superiores, e para salvar muitas e muitas almas!»²⁵

O zelo ardente pela salvação das almas dá às missionárias flexibilidade, agilidade de espírito, disponibilidade para a mudança e uma certa indiferença nas escolhas. Por exemplo, a Ir. Caterina Dabbene, missionária na Terra do Fogo, escreveu à sua sobrinha FMA e comunicava-lhe a sua transferência da missão, onde trabalhara por tantos anos: *«Todas as casas são boas para nos santificarmos, porque somos nós que nos devemos santificar, pouco importa que a casa seja esta ou aquela»*²⁶.

Esta era também a atitude da Irmã Angela Vallese, pioneira das missões no Uruguai, que partira em fevereiro de 1877 de Mornese, e que escrevia aos seus pais: *«Estou aqui na América, com o pensamento podemos ir até à Itália, mas nós não somos nem da América nem da Itália, a nossa casa está em todo o lado. O Coração de Jesus está sempre aberto, depende apenas de nós querer entrar nele, não é verdade? Por isso, tenhamos coragem, sejamos sempre humildes, obedientes e, assim, entraremos sempre por aquela porta estreita»*²⁷.

As missionárias talvez não conhecessem a Carta de Inácio de Antioquia a Diogneto, onde se lê: *«Toda a terra estrangeira é para eles uma pátria e toda a pátria uma terra estrangeira»*²⁸. O cristão, e mais ainda a missionária e o missionário, são pessoas de perspectivas universais, porque fortemente enraizadas em Cristo e na Igreja “em saída”, segundo a visão do Papa Francisco.

3.3. A evangelização no âmbito de um projeto educativo integral

«Tornar Deus conhecido e amado» é o objetivo prioritário da ação missionária. Na fidelidade a don Bosco e a Maria Domingas Mazzarello, a FMA é consciente de que a salvação cristã exige o anúncio do Evangelho e este tem sempre o primado na missão.

O objetivo da educação cristã não se limita apenas a instruir, socializar, nem a tornar competentes numa profissão, ou a curar doenças, mas visa levar cada pessoa a reconhecer-se filho/a de Deus e a viver uma vida digna desta vocação. Daí o empenho constante das missionárias de anunciar Jesus, orientar para Ele através da sua Palavra, da oração, da catequese, da educação à vida sacramental e do testemunho dos valores cristãos.

Nos vários e diferenciados ambientes, procura-se concretizar o *da mihi animas cetera tolle* de don Bosco, inflamando o coração dos jovens, das crianças e dos adultos para os grandes ideais: a felicidade suprema, a salvação eterna, a santidade como plenitude da maturidade humana e cristã. Fiéis ao “sistema preventivo”, as missionárias

²⁵ Lettera di suor Carolina Mioletti a madre Ersilia Canta, Tupà, 14 aprile 1972, pubblicata da M. Elia FERRANTE, *Suor Carolina Mioletti, ispettrice*, in VALENTINI Eugenio (a cura di), *Profili di missionari Salesiani e Figlie di Maria Ausiliatrice*, Roma, LAS 1975, 393.

²⁶ Lettera ms alla nipote suor Felicita Dabbene da Punta Arenas il 7 febbraio 1926, in AGFMA 26 (1927).

²⁷ Vallese Angela. *Là non ci separeremo mai più. Lettere della prima FMA missionaria pioniera nella Patagonia e nella Terra del Fuoco*. Introduzione e note a cura di Penna Maria Vanda, Roma, Istituto FMA 2014.

²⁸ *Didaché. Lettere di Ignazio d'Antiochia. A Diogneto*, Milano, Ed. Paoline 2002, 119.

procuram projetar o ideal na vida concreta das pessoas, a ponto de o tornar seu “sonho” e mérito do cansaço quotidiano e alegre.

De muitas missionárias, sobretudo das enfermeiras, lê-se que eram “médicos do corpo e do espírito”. A sua atividade, orientada para a “salvação” de cada pessoa, sobretudo dos mais pobres, tinha como objetivo a cura do corpo, mas essa atividade era entendida como um modo de evangelização, transparência do amor misericordioso do Pai que se inclina com ternura sobre cada uma das suas criaturas.

Os cuidados físicos, a procura de tudo o que beneficia o bem-estar da pessoa e a sua promoção cultural não são instrumento *de* evangelização, mas são já em si mesmos evangelização e, por conseguinte, fazem parte da missão da Igreja, cuja vocação prioritária é anunciar a todos o amor de Deus em Cristo Jesus.

Segundo o realismo pedagógico salesiano, a evangelização realiza-se concretamente num projeto global de educação integral, isto é, na atenção ao contexto local, à pessoa concreta, às suas necessidades e processos de maturação, e criam-se condições para que ela se abra a Deus e aceite o Evangelho, respeitando os ritmos de crescimento.

A FMA missionária, com flexibilidade e zelo pastoral, desenvolve, portanto, itinerários não uniformes, com amplas margens de pluralismo, porque levam em conta as diversas situações, a disponibilidade ou indisponibilidade à mensagem cristã de diferentes tipos de jovens, mulheres, famílias, grupos étnicos. Parte-se de níveis que incluem todas as formas de promoção humana, sanitária, cultural, moral, afetiva, até ao objetivo educativo-evangelizador da santidade.

Mesmo em contextos plurirreligiosos, a metodologia educativa salesiana está impregnada de espiritualidade na medida em que orienta para amar a vida, promovê-la em toda a parte, aceitá-la no seu mistério, partilhá-la com amor gratuito e solidário, trabalhar pela paz e pela justiça numa dialética contínua entre presença de Deus e presença na história, instâncias evangelizadoras e estratégias de promoção humana.

As fontes mostram também como o empenho competente e criativo de fazer todo o possível para promover pessoas e culturas, conjugam-se harmoniosamente, segundo a lógica evangélica, com a certeza de que a missionária tudo pode n'Aquele que lhe dá força. O seu projeto é confiado ao seu cuidado inteligente e solícito, mas onde Deus permanece e é sempre o primeiro protagonista.

3.4. Dialética entre confiança em Deus e iniciativa apostólica

A missionária FMA encarna e manifesta o difícil equilíbrio entre a confiança total em Deus e em Maria Auxiliadora e, ao mesmo tempo, o ardor apostólico que a estimula a desenvolver qualidades de criatividade, audácia e iniciativa. “*Mãos ao trabalho e coração em Deus*” é o lema de muitas missionárias.

Na vocação religiosa, como na vida cristã, estão presentes as duas dimensões aparentemente contrastantes. Jesus chama aqueles que escolheu e espera deles uma resposta livre. A vocação joga-se, portanto, na interação entre a gratuidade de Deus e a total liberdade da pessoa que Ele enriqueceu de dons e talentos.

A presença de Maria, como Mãe de Deus e da Igreja, é garantia de proteção, de defesa, de segurança nas provas. A consciência de ser chamados e enviados por Deus e de ter uma Mãe que vela pelo caminho dos seus filhos é fonte de segurança e confiança. Ao mesmo tempo, é fonte de criatividade e perseverança no empenhamento missionário.

Transparece de quase todas as cartas das missionárias uma atitude de otimismo, de alegria e de admiração. Educadoras, enfermeiras, professoras, catequistas contemplam com admiração as extraordinárias possibilidades de bem que Deus lhes dá gratuitamente como sinal tangível da sua presença. Quando contam a sua actividade, a referência constante é a Deus e a Maria Auxiliadora que realizam maravilhas através do seu pobre trabalho missionário. «Lancemos a semente e Deus a fará frutificar»; «Somos sempre servas inúteis», dizia a Irmã Tullia De Berardinis (1884-1957) e, no entanto, ela foi muito ativa e criativa na missão²⁹.

As FMA missionárias, desde as da primeira expedição até hoje, sentem-se enviadas em nome do Senhor, têm a certeza da sua ajuda, assumem o seu projeto de salvação no contexto histórico, têm a certeza de estar ao serviço de um Pai que não quer que nenhum dos seus filhos se perca. Sabem também que são acompanhadas e precedidas por Maria Auxiliadora nos lugares de missão³⁰. Pode-se dizer que a experiência missionária da FMA se realiza numa constante entrega a Maria e na certeza da sua contínua proteção materna.

Ao mesmo tempo, a missão é condicionada pelas vicissitudes da liberdade humana, pelo discernimento mais ou menos esclarecido que orienta as decisões, pela audácia e coragem da iniciativa. A missionária tem consciência de ser enviada por Deus, mas também de ter escolhido a missão através de um pedido explícito de envio. Por isso, entrelaça-se nela, juntamente com a confiança, um desejo ardente de desenvolver ao máximo os seus dons e de dar respostas concretas às necessidades do contexto, às carências das pessoas.

Podemos comprová-lo através de um escrito da Irmã Anna Rodaro (1909-1990), que foi missionária no Brasil durante 53 anos. A sua personalidade de mulher consagrada e de animadora salesiana está sintetizada no programa de vida que se encontra entre os seus escritos: «*Caminhar na comunidade em bicos de pés, sem que ninguém repare em ti. Não pedir nada a ninguém, mas dar tudo. Adorar em todos um raio de divindade. Crer que sou perfeitamente inútil e, por outro lado, fazer tudo bem. Calar e sorrir. Sorrir e calar. Sofrer e rezar. Rezar e amar. Calma e serena, sem perturbação, a sós com Deus, para ser no mosaico da sociedade humana e do Instituto o seixo que Deus quer e que reflecte um pouco da sua luz*»³¹.

A consciência de colaborar com criatividade e coragem no plano de salvação de Deus leva a missionária a marcar os seus dias com um trabalho incansável. Para algumas, é uma atividade física por vezes extenuante, nas grandes cozinhas ou lavandarias ao serviço dos jovens, dos irmãos salesianos ou dos internatos; entre os doentes a assistir e a cuidar, nas visitas às aldeias aonde se chega depois de horas de caminhada a pé e por estradas impenetráveis. Para muitas é uma atividade educativa e pastoral de promoção dos pobres, das crianças, das mulheres, dos imigrantes, procurando caminhos sempre novos de formação e de evangelização.

Em muitos contextos, a missão torna-se também uma árdua e criativa procura de subsídios, mesmo económicos, e a capacidade de suscitar a caridade e a solidariedade dos benfeitores. Algumas missionárias fazem-se pobres e até mendicantes para os pobres.

²⁹ Donna di fede e di coraggio quasi temerario, fu ispettrice in India a Madras dal 1929 al 1934 e al tempo stesso Superiore Visitatrice delle case aperte in Giappone, Cina e Thailandia. In seguito fu ispettrice in Inghilterra (1934-1940) e negli Stati Uniti fino al 1946 (cf SECCO Michelina, *Suor De Berardinis Tullia*, in *Facciamo memoria. Cenni biografici delle FMA defunte nel 1957*, Roma, Istituto FMA 1999, 125-141).

³⁰ *Cronaca di Carmen de Patagones*, in AGFMA 15 (1880) 1, redatta da suor Angela Vallese. Ella così scrive: «Dio vigila con occhio amoroso su quelli che sono consacrati a lui per il bene delle anime» (ivi 4).

³¹ Cf Appunti autobiografici, in AGFMA 26 (1990).

Sentem-se no seu lugar, entre os pobres. E, mesmo sendo idosas, não conhecem a palavra “descanso”.

Nesta perspetiva, as comunidades são espaços abertos à alegria da doação, à audácia das iniciativas realizadas em conjunto, à sabedoria clarividente de preparar um futuro diferente para as novas gerações, de contribuir para a vinda do Reino de Deus na história através da missão educativa, fator de desenvolvimento dos povos, das famílias e das pessoas.

3.5. *Envolvimento espiritual e formativo das comunidades educativas*

O ardor missionário, como em Valdocco e Mornese, impregna o clima das comunidades educativas e alimenta não só o entusiasmo, mas também o empenho e o envolvimento ativo de todas. Como já foi sublinhado, a abertura à solidariedade e à evangelização, sendo uma dimensão constitutiva da espiritualidade salesiana, torna-se um caminho educativo na medida em que envolve e desperta as energias apostólicas das crianças e dos jovens numa dimensão missionária.

Maria Domingas Mazzarello foi iniciada pelo Pe. Pestarino no espírito missionário desde a mais tenra idade. De facto, estava inscrita na Pia Obra da Santa Infância, introduzida por ele em Mornese desde 1849³². O ardor apostólico, que ela já respirava na paróquia, tornou-se ainda mais intenso depois da fundação do Instituto, a ponto de contagiar também as meninas alojadas no internato. Depois da partida das primeiras missionárias salesianas para a Argentina, escrevendo a don Cagliero a 29 de dezembro de 1875, a Irmã Maria Mazzarello recomendava-lhes: «*Preparem-nos uma casa bem grande para nós, porque muitas educandas querem ser também missionárias*».³³ Era, na verdade, um clima de entusiasmo que contagiava a todos, como aconteceu de facto em Valdocco e como se verificou também muito rapidamente nas zonas de missão.

Desde os inícios da fundação da Candelária na Terra do Fogo, como se lê na Crónica daquela comunidade, notava-se que o zelo apostólico se difundia também entre os nativos: «Também os índios da Candelária, começaram a tornar-se apostólicos entre os próprios amigos»³⁴. A 8 de janeiro de 1898, morria em Punta Arenas Luigia Peña, uma menina indígena, pobre, de 12 anos. A Crónica refere: «Morria como uma santa [...]. Já agonizante, preocupava-a a ideia de que a mãe e os irmãos estavam ainda no deserto e sem batismo. Ela fez prometer a Monsenhor Fagnano, que a assistia, que ele iria procurá-los, instruí-los e baptizá-los, para que pudessem encontrar-se no Paraíso com ela»³⁵.

O sonho das missionárias é sempre o de que, aqueles que foram por elas evangelizados, educados, instruídos, se tornem eles próprios evangelizadores, educadores, professores, para que possam ser fatores de desenvolvimento do seu próprio ambiente. Este é, de facto, um dos frutos mais maduros do seu trabalho apostólico.

³² Cf. MACCONO Ferdinando, *Santa Maria D. Mazzarello Confodatrice e prima Superiora delle Figlie di Maria Ausiliatrice*, Torino, Istituto FMA 1960, I, 140. I bambini e le bambine venivano educati a raccogliere le loro offerte “per la redenzione ed educazione dei bambini infedeli” (ID., *L’apostolo di Mornese. Sac. Domenico Pestarino*, Torino, SEI 1927, 57).

³³ Lettera 4,12.

³⁴ *Gli inizi della missione della Candelaria* (Terra del Fuoco) 1895-97, quaderno ms, in AGFMA 15 (895) 4, 18.

³⁵ *Monografia generale dell’Ispettorato Magellano e Terra del Fuoco, e del Collegio Maria Ausiliatrice in Punta Arenas*, Quaderno ms 4 (50), in AGFMA 15 (888) 4 [s. p.].

Note-se que o Instituto das FMA, nos anos sucessivos, estendeu a todas as comunidades e obras educativas o empenho da cooperação missionária através do *Apostolado da Inocência*³⁶.

A ideia de envolver num amplo movimento de oração, as crianças e alunas das várias casas do Instituto, para apoiar a obra dos missionários, tinha partido do Salesiano don Giovanni Fergnani, missionário na China. Encontrando-se em Nizza Monferrato, em novembro de 1908, para uma pausa na animação missionária, lançou a toda a escola a sua proposta e recebeu dela uma adesão entusiasta³⁷. A iniciativa, que gradualmente levou à criação de uma verdadeira Associação juvenil missionária no Instituto das FMA, foi impulsionada por Don Luigi Versiglia e Pe. Michele Rua em 1910 e, o VII Capítulo Geral do Instituto das FMA, resolveu incrementar este apostolado nas várias comunidades e obras educativas, estendendo o seu benefício aos missionários e missionárias de todo o mundo e não apenas aos da China³⁸.

Este movimento de oração está enraizado na realidade da comunhão dos santos, segundo a qual todos somos um no Senhor Jesus, como Corpo Místico de Cristo. Estamos em profunda comunhão, numa misteriosa, mas verdadeira troca de bens espirituais que sustenta a Igreja e torna eficaz o apostolado³⁹.

Madre Luisa Vaschetti escrevia numa circular: «Manter viva e ativa a ideia missionária nas jovens das nossas Casas, não é só um meio eficaz de formação no sentido cristão e na caridade, mas é também um fermento de generosas vocações»⁴⁰.

O ardor missionário que irradiava entre os jovens, não era menos evidente entre as FMA. Quantas Irmãs, mesmo não sendo missionárias, sustentavam as missões, não só com a oração, mas também com iniciativas de solidariedade, ou oferecendo o próprio sofrimento, a doença, a morte, para obter de Deus a eficácia do trabalho apostólico dos missionários e missionárias. Don Versiglia pôde constatar com admiração a fecundidade da oferta, quando da morte da Irmã Maria Ferrari, em 1921, que ofereceu a sua vida pela missão na China⁴¹ e, como ela, muitas outras FMA deram a vida pelas missões como oferta agradável a Deus pela fecundidade do trabalho apostólico das Irmãs.

Uma dimensão interessante que testemunha o realismo da espiritualidade missionária do Instituto nas décadas de 1920 a 1940, durante o período de governo de Madre Luisa Vaschetti, Superiora Geral, que viveu por 20 anos na Argentina, quando ainda era noviça, e no contexto da celebração do 50º aniversário da primeira partida missionária dos salesianos (1925), foi a abertura de casas para a formação missionária. Em 1924, fundou-se em Turim a Casa Missionária “Madre Mazzarello”, onde as missionárias eram preparadas antes de partir para os lugares de destino. Estavam previstos cursos formativos específicos de espiritualidade e de preparação profissional⁴². Além disso,

³⁶ *L'Apostolato dell'innocenza nei suoi primi venticinque anni di vita tra le Figlie di Maria Ausiliatrice (1909-1934)*, Torino, Istituto FMA 1934.

³⁷ Lettera di don Giovanni Fergnani alla Superiora generale madre Caterina Daghero, 16 gennaio 1909, in AGFMA 310/211 (2).

³⁸ *Deliberazioni del VII Capitolo Generale delle Figlie di Maria Ausiliatrice [1913]*, Torino, Tip. SAID – Buona Stampa 1914, 40-41.

³⁹ *L'Associazione Gioventù Missionaria* (A.G.M.), Torino, SEI 1942; L'A.G.M. nel suo cinquantésimo di vita. Note di orientamento e di organizzazione, Torino, A.G.M. 1958.

⁴⁰ *Circolare n. 233 (24 aprile 1940)*.

⁴¹ Lettera di mons. Luigi Versiglia a madre Caterina Daghero, alle suore e alle alunne del Collegio di Nizza del 6 febbraio 1921, in AGFMA 310/212 e cf [SECCO Michelina], *Suor Ferrari Maria*, in ID., *Facciamo memoria. Cenni biografici delle FMA defunte nel 1919*, Roma, Istituto FMA 1984, 38-46.

⁴² Tema III: *Come preparare la maggiore e migliore formazione del personale*, in *Allegati al Verbale dell'VIII Capitolo*

naqueles anos, à semelhança do que estava a acontecer na Congregação Salesiana, vivia-se a formação missionária das próprias raparigas, também através da Revista da *Juventude Missionária*, iniciada em 1923.

Os pedidos “prementes e insistentes” de novas missionárias, vindos de lugares fronteiriços, não encontravam apenas uma resposta imediata ao envio de reforços, quando possível, mas concretizavam-se na escolha e formação de adolescentes que tivessem uma sólida vocação religiosa, fossem de bom carácter, inteligentes, saudáveis e resistentes às dificuldades. Estes “sujeitos pequenos”, como lhe chamava carinhosamente Madre Vaschetti nas suas circulares, deveriam ser escolhidos e preparados em cada comunidade FMA e, depois, enviados à casa missionária “Madre Caterina Daghero”, de Arignano (Turim), e ao Noviciado Internacional de Casanova di Carmagnola (Turim) para depois ficarem à disposição do Conselho Geral para as necessidades do Instituto, especialmente para as missões⁴³.

Madre Vaschetti escrevia, motivando a escolha: «*Se não fizermos crescer as plantinhas, nunca teremos árvores grandes*»⁴⁴. De facto, quer na casa de Arignano quer no noviciado de Casanova, o trabalho de formação das jovens candidatas às missões era intenso e bem organizado⁴⁵.

O Instituto estava a alargar progressivamente as suas fronteiras, pelo que era necessário um pessoal qualificado e com uma sólida espiritualidade. Madre Luisa Vaschetti recordava-o nas suas circulares e indicava os requisitos necessários: «Em primeiro lugar, a imolação total do próprio ser à vontade de Deus, sem calcular antes os anos de serviço; depois, boa saúde e alguma instrução ou habilidade para a costura, tecelagem, tricôt, malhas, etc. [...] Portanto, as boas Irmãs que sentissem *em prosa e não em poesia*, a voz de Deus que as chamava a seguir o mais nobre dos ideais - a conquista das almas ao seu Coração Divino - fariam generosamente o seu pedido: os Anjos contra-assinariam e, quer fossem aceites ou não, elas conservariam sempre o mérito e a glória»⁴⁶.

No IX Capítulo geral de 1928 o argumento das missões teve um espaço notável e foi elaborado nele o *Regulamento para as Casas de missão no estrangeiro*. No parágrafo intitulado: *Espírito e formação missionária* foram explicitadas as condições para uma vocação missionária autêntica, indicando os seguintes requisitos: piedade firme e fervorosa, espírito de trabalho e de sacrifício, zelo apostólico notável, preparação intelectual e profissional⁴⁷.

Em alguns Capítulos Gerais, surgiu uma certa preocupação por parte das Superiores de que as necessidades urgentes das Províncias pudessem levar a uma diminuição das vocações missionárias. Era, portanto, necessário um trabalho de formação das jovens candidatas para amadurecer nelas a consciência de pertencer a um Instituto internacional e, portanto, sem barreiras nacionalistas. Era necessário amadurecer em todas um espírito

generale. Anno 1922, datt. in AGFMA 11.8/130 (2). La Casa per la formazione delle missionarie doveva dipendere dal Consiglio generale.

⁴³ Circolare del 24 novembre 1928; n. 123 (24 novembre 1929); n. 134 (24 febbraio 1931); n. 137 (24 maggio 1931); n. 205 (24 luglio 1937); n. 234 (24 maggio 1940).

⁴⁴ Circolare n. 123 (24 novembre 1929).

⁴⁵ Nel 1930 vi erano nel Noviziato missionario di Casanova 97 novizie!

⁴⁶ Circolare del 24 maggio 1925.

⁴⁷ *Allegato n. 8*, in *Allegati al Verbale del IX Capitolo generale. Anno 1928*, datt. in AGFMA 11.9/122, pp. 12-19. L'Allegato si riferisce al III tema che è così formulato: «*Esporre idee e proposte per la redazione di un regolamento che, sulla base del II articolo delle Costituzioni, aiuti lo sviluppo delle vocazioni missionarie, sia di guida per opere da accettarsi e svolgersi nelle missioni, e determini le norme per l'amministrazione, il lavoro di evangelizzazione, di formazione di suore missionarie e le loro relazioni coi Superiori ecclesiastici e salesiani*».

aberto e colaborante, em vista da vitalidade missionária do Instituto. Por isso, era indispensável plasmar as FMA «no espírito do Fundador que, em nome de Maria», tinha enviado os seus filhos e filhas através do oceano para levar o Evangelho até aos confins da terra, especialmente para os jovens⁴⁸.

Conclusão

As fontes deixam claro que o Instituto das FMA é um Instituto missionário e, portanto, está impregnado do espírito missionário. Ele é próprio *de* todas as FMA, mas de modo mais radical é assumido por aquelas que escolhem deixar a própria pátria por serem enviadas à missão *ad gentes*.

Como cristã e como religiosa, cada FMA - onde quer que esteja - sente-se parte viva de uma Igreja “em saída” e de um Instituto aberto à evangelização do mundo.

É uma espiritualidade baseada na relação de amizade com Jesus, permanecendo no seu Amor, enxertada nele como os ramos na videira, para anunciar e testemunhar o Evangelho a todos os povos. Em torno a este centro unificador convergem as várias dimensões da espiritualidade missionária da FMA.

A missão não se identifica, portanto, com uma atividade que algumas FMA realizam, mas é o paradigma da ação educativa de uma Família religiosa chamada a partilhar com os jovens a alegria do encontro com Jesus.

A raiz desta espiritualidade encontra-se na unidade vocacional da FMA. Esta garante o indispensável equilíbrio entre vida ativa e contemplativa e a superação das dicotomias entre educação e evangelização, promoção humana e educação à fé.

O grande desafio para o caminho espiritual da FMA é encontrar o equilíbrio entre a atividade, por vezes incómoda, e a união com Deus no trabalho, como reiterava Madre Mazzarello, convidando sobretudo as missionárias a conservar «o mais possível o espírito de união com Deus, estando continuamente na sua presença»⁴⁹

A interioridade, ou seja, a vida de união com Deus, que tem o rosto do Amor, dá profundidade à ação, alimenta a alegria, aumenta a *amorevollezza* na comunidade, sustenta a criatividade e a coragem e garante a eficácia apostólica.

Suor Piera Cavaglià

⁴⁸ *Allegati al Verbale del IX Capitolo generale. Anno 1928*, datt. in AGFMA 11.9/122, p. 3

⁴⁹ María Esther POSADA - Anna COSTA - Piera CAVAGLIÀ (a cura di), *La sapienza della vita. Lettere di Maria Domenica Mazzarello*, Roma, Istituto FMA 2004, Lettera 23,1.3. è da notare che le FMA avevano aperto da pochi giorni la casa a Las Piedras (il 13 aprile 1879) e il 30 aprile madre Mazzarello le raggiunge con questa lettera che restò programmatica. Si citerà L. seguito dal numero della Lettera e dal paragrafo. Cf pure L. 66,2.